

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Braziliense Class.: Amaz./Militares
 Data: 10/10/93 Pg.: 10 83

Forças Armadas encerram Operação Surumu

Heitor Augusto
Da Meridional

O ministro do Exército, Zenildo Lucena, considerou a Operação Surumu um excelente teste de concentração estratégica, mostrando que as Forças Armadas têm condições de colocar "a tropa necessária, no momento adequado, em qualquer local onde seja necessária, cumprindo sua missão constitucional de manter a soberania e a integridade do patrimônio nacionais". A operação, que consistia numa simulação de guerra na Amazônia, em uma área abrangendo Roraima, as regiões ao longo das BRs 174 e 319 e as cidades de Surucucus (RR) e Maturacá (AM), terminou ontem.

As manobras, desenvolvidas numa área de 55 quilômetros quadrados, na fronteira do Brasil com a Venezuela, consistiram basicamente num exercício de mobilização militar para defesa da Amazônia, com operações em terreno desabitado e sem qualquer infra-estrutura. Elas foram assistidas pelos ministros do Exército e da Aeronáutica, Lélvio Viana Lobo, e pelo chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, almirante Arnaldo Leite Pereira. Como convidados, estiveram no "teatro de guerra" o chefe do Estado-Maior das Forças de Defesa da República da Guiana, o comandante da 51ª Brigada de Infantaria e o chefe do Estado-Maior da Brigada de Infantaria da Selva do Exército da Venezuela e os adidos militares da Colômbia,

Peru, Bolívia, Paraguai, Uruguai e Argentina.

A Operação Surumu tem graus de dificuldades únicos no País, como as deficiências na malha viária, não dispondo de rodovias, ferrovias, transportes, comunicações e a única via aparentemente disponível, os rios, têm limites de navegabilidade, como o rio Branco. As tropas, máquinas, veículos e armamentos levados para a região viajaram até quatro mil quilômetros. É o caso dos helicópteros da aviação do Exército, deslocados desde sua base em Taubaté (SP).

Os fatores climáticos também foram considerados, e segundo relata o general Gilberto Serra, chefe do Centro de Comunicação Social do Exército (CCOMSEX), vencidos. "Faz muito calor, o ar é rarefeito, e nesta época chove muito, com pancadas muito fortes. Mas o planejamento para a operação, realizado desde abril deste ano, desceu às minúcias e possibilitou que ao final do exercício, não tenha sido registrado nenhum problema inesperado. Não houve qualquer acidente real.

A eficiência exclusivamente militar pode ser medida pela precisão e velocidade com que foi realizado o lançamento da tropa aerotransportada, considerado um recorde pelos oficiais. A operação de salto ficou completa em três horas. Também foram localizados e neutralizados todos os alvos de relevância militar.

Invasores eram da "Cratênia"

O exercício foi montado a partir da invasão imaginária por um inimigo igualmente imaginário, a "Cratênia". Após a "tomada" de "Cratênia" e a rendição das tropas "invasoras", as Forças Armadas encerraram, na Amazônia, a Operação Surumu, o maior exercício de guerra simulada já feito no País, envolvendo cinco mil homens das três forças, Exército, Marinha e Aeronáutica. Iniciada dia 4, a operação exigiu duas ações jamais experimentadas: um assalto aeromóvel, com a participação da aviação do Exército e outras organizações militares, e um assalto aeroterrestre, com integrantes da Força Aérea Brasileira (FAB) e da Brigada de Infantaria de Pára-quadistas.

É a primeira vez que se realiza um exercício de adestramento no quadro da Divisão do Exército, na Amazônia, com a ativação simulada de uma "área de guerra", o Teatro de Operações Terrestre Norte, como também é a primeira vez que se ativa uma concentração estratégica das três Forças, a tal distância. Os helicópteros que participaram dos exercícios percorreram até quatro mil quilômetros,

FOTOS: CECOMSEX



As manobras militares na Amazônia exigiram o uso de helicópteros, ágeis, versáteis e flexíveis

desde sua base à Amazônia. Com autonomia de voo de três horas, velocidades entre 200 e 400 quilômetros por hora, fizeram várias escalas até atingir o destino.

A Operação Surumu — nome de um rio na região — cobriu uma área de cerca de 55 mil quilômetros quadrados, equivalentes ao estado da Paraíba (53 mil 958 Km²), ao norte de Roraima,

ao longo das BRs 174 e 319, em Surucucus (RR) e Maturacá (AM). Os países limítrofes na "zona de combate" eram amigos, e um fictício "inimigo" ocupava "Cratênia", na parte norte de Roraima. As autoridades envolvidas consideraram a operação uma "excelente demonstração de mobilidade das Forças Armadas" e destacaram o planejamento realizado.

O general José Sampaio Maia, do Comando Militar da Amazônia, foi o comandante geral do "teatro de operações"; o almirante-de-esquadra Carlos Eduardo Cesar de Andrade chefiou as operações navais; o general-de-exército Geise Ferrari, as operações terrestres e o tenente-brigadeiro Carlos de Almeida Batista, as operações aéreas.

Forças Especiais atuaram bem

A Operação Surumu teve alguns pontos de destaque. Pela primeira vez, as Forças Armadas deslocaram por meios fluviais, marítimos, aéreos e terrestres grande quantidade de equipamentos bélicos e cinco mil homens, concentrando todos esses meios em Roraima. Logo no início das operações foi realizada a travessia dos 400 metros de largura do rio Uiraricoera, o que supera em cem metros a largura tecnicamente aceita para esse tipo de atividade. Para que a tropa pudesse atravessar o rio, foi necessária uma ação preliminar, quando se capturou uma ponte, numa rápida ação de assalto noturno, onde foram instalados pontos fortificados para dar cobertura à travessia. Sem a ação preliminar, os soldados ficariam vulneráveis a todos os tipos de ataque durante o percurso dos 400 metros de margem a margem.

Houve a infiltração de dois destacamentos em território "inimigo": as Forças Especiais realizaram saltos de pára-quadistas a grande altitude, 20 mil pés (sete mil metros), utilizando equipamentos especiais, como máscaras de oxigênio, já que o ar é rarefeito. A temperatura nessa altitude é de cerca de 45 graus centígrados abaixo de zero.

Nos saltos de precisão, foram utilizadas duas técnicas: na primeira, o pára-quadista abre o pára-quadista logo após deixar o avião e inicia uma queda suave com deslocamento horizontal. Nos exercícios, eles se deslocaram 28 quilômetros, durante 35 minutos, para atingir o alvo, no solo. A segunda técnica é a queda livre,



Camuflagem ajuda o combatente

onde o pára-quadista cai cinco mil metros por um minuto e 40 segundos, só acionando o pára-quadista a uma altura próxima de 1 mil 300 metros, a partir daí, ele desce verticalmente sobre o alvo.

A Operação Surumu empregou também o equipamento Tandem, que possibilita o salto de um acompanhante enganchado a um pára-quadista, utilizando pára-quadista especial. Essas experiências também foram feitas pela primeira vez na Amazônia. Uma operação aeroterrestre lançou 700 pára-quadistas na retaguarda profunda do "inimigo". Além dos soldados foram lançados em pára-quadistas, viaturas e canhões. Esse foi o primeiro assalto aeromóvel de operações militares na Amazônia. A ação conjugou aeronaves e tripulação do sudeste do País.

Integração foi marcante

Finalizando a operação, o destaque dos efetivos utilizados nas operações da Marinha, do Exército e da Aeronáutica. O Comando de Aviação do Exército manteve na área a Força de Helicópteros, com aeronaves Esquilo (seis soldados equipados) e Pantera (até 14 soldados), deslocados de sua base, em Taubaté (SP), a quatro mil quilômetros da "área de conflito". Em dois assaltos, atuaram 740 pára-quadistas: um dando cobertura à 1ª Brigada de Infantaria da Selva, no eixo da BR-174, e outro, apoiando a 23ª Brigada de Infantaria da Selva, na BR-319. A aviação comercial foi contratada para o transporte de tropas, levados por um Boeing 767, um Airbus A-300 e um DC-10.

A Marinha deslocou quatro navios-patrolha, dois helicópteros e duas companhias de Fuzileiros Navais para apoiar as operações. Exercia controle da navegação nos rios Negro e Branco, através de patrulhamento, e executava operações ribeirinhas de apoio à força terrestre. Manteve um navio-patrolha no rio Branco, outro no rio Negro, perto de Barcelos, e dois navios-patrolha, com duas aeronaves, no rio Negro, perto da foz do rio Branco. A Marinha deu apoio logístico no transporte da 23ª

Brigada de Infantaria da Selva entre Santarém e Manaus.

Uma Força Polivalente de Pronta Defesa, da Aeronáutica, baseada em Boa Vista e Manaus, apoiava as demais tropas com 37 aeronaves e 460 homens, das bases do Rio de Janeiro, Campo Grande (MS), Manaus (AM), Santa Maria (RS), Canoas (RS) e Brasília (DF). Além das aeronaves e do pessoal, a Força Polivalente montou radares de detecção em Boa Vista, Manaus, Caracará, Rio de Janeiro e Brasília, e um Centro Meteorológico Militar em Boa Vista. As aeronaves foram utilizadas para transporte de pessoal e carga, abastecimento em voo, lançamento de pára-quadistas, apoio aéreo na busca a aeronaves acidentadas, salvamento e resgate de pessoal e reconhecimento aéreo.

Pela primeira vez foi possível montar um Sistema de Comunicação Estratégico, ligando o Centro de Comando de Brasília (Comando de Operações Terrestres) com o Comando Militar de Manaus e, em Boa Vista, com o Centro de Operações. O sistema, empregando diferentes meios, permitiu transmissão de dados informatizados por intermédio de um correio eletrônico, com radiocomunicação, telefonia, fax e telex, dotados de equipamentos de sigilo. O Sistema de Guerra Eletrônica — como foi denominado o sistema montado — simulou interferências e monitorou os demais sistemas instalados.